

Os imigrantes chineses no Brasil e a sua língua

Chen Tsung Jye
David Jye Yuan Shyu
Antonio José Bezerra de Menezes Jr
Universidade de São Paulo



Synergies Brésil n° 7 - 2009 pp. 57-64

Résumé: Au Brésil, les immigrants chinois, en général bilingues ou multilingues du fait de parler aussi bien le portugais que le mandarin et d'autres dialectes chinois, craignent toujours la disparition éventuelle de la langue d'origine. Dans cet article, nous cherchons à montrer que le bilinguisme tend aujourd'hui à se renforcer dans la communauté sino-brésilienne du fait du développement sans précédent de la Chine dans les dernières décennies.

Mots-clés : Immigrants chinois, bilinguisme, portugais, mandarin

Resumo: Entre os imigrantes chineses no Brasil, considerados bilíngües ou multilíngües por utilizarem tanto o português quanto o mandarim, além de outros dialetos chineses, sempre houve a preocupação com o possível desaparecimento da língua de origem. Neste trabalho procuramos demonstrar que atualmente o bilingüismo tende a se fortalecer na comunidade sino-brasileira em função do grande desenvolvimento da China nas últimas décadas.

Palavras-chave: Imigrantes chineses, bilingüismo, português, mandarim

Abstract: Amongst the Chinese immigrants in Brazil considered bilingual or multilingual for speaking both Portuguese and Mandarin in addition to other Chinese dialects, there has always been the concern with a possible disappearance of their language of origin. In this paper we seek to demonstrate that the bilingualism currently tends to strengthen the Chinese Brazilian community due to the great development held in China during last decades.

Key words: Chinese immigrants, bilingualism, Portuguese, Mandarin

No século XIX, começou o início da imigração chinesa no Brasil em função da abolição da escravidão, o que levou os latifundiários brasileiros a buscar substitutos para sua mão de obra. A contratação de trabalhadores chineses era uma das opções conforme Teixeira (1995: 25-40). Os cantoneses, ou seja, os chineses de região de "Guangdong" (Cantão), foram os primeiros que chegaram ao Brasil. Dedicaram-se basicamente às atividades agrícolas, como o cultivo de chá, à mineração, construção civil e entre outros.

De acordo com o Professor Rafael Shoji, no seu trabalho “Imigração Chinesa e Coreana” (Shoji, 2004)¹: “Os chineses são os mais antigos imigrantes do Extremo Oriente no Brasil, (...) é certo que algumas centenas de chineses desembarcaram no Rio de Janeiro em 1810, inicialmente trazidos para o cultivo de chá.”

Durante a guerra sino-japonesa (1931-1945) e com o estabelecimento da República Popular da China em 1949, grande número de habitantes de várias províncias costeiras, optou por emigrar para outros países. Por isso, a imigração chinesa para o Brasil aumentou significativamente e, entre esses, vieram muitos técnicos e industriais. Além disso, os imigrantes, principalmente de *Shandong* e *Shanghai*, transferiram as suas fábricas têxteis e moinhos para o Brasil. No final da década de 1960, na Indonésia, muitos descendentes de chineses fugiram do regime do ditador Suharto, emigrando para o Brasil.

No começo da década de 1970, novos acontecimentos vão marcando o ambiente das relações internacionais. Com as viagens secretas de Henry Kissinger à Beijing em julho de 1971 e a visita oficial do presidente Richard Nixon à China em fevereiro de 1972, tornou-se possível o restabelecimento das relações diplomáticas em 1979. Em 1971, na Assembléia Geral da ONU, foi aprovado que a República Popular da China substituiria a República da China (China nacionalista) na ONU. Estes últimos dois acontecimentos causaram grande preocupação para os chineses da ilha de Taiwan, provocando, com isso, uma nova onda de emigração. Na devolução de Hong-Kong à China em 1997, muitos chineses de Hong Kong também emigraram para o Brasil.

Nas décadas de 1980-1990, com a política de abertura da China, o número de imigrantes chineses da China continental aumentou consideravelmente. Nos últimos anos, um grande número de imigrantes chineses, especialmente as gerações jovens mais instruídas integraram-se na área comercial, em quase todas as regiões do Brasil. Atualmente, o número de chineses e descendentes no Brasil é estimado em cerca de 190 mil, dos quais 120 mil no Estado de São Paulo, muitos deles ainda em processo de legalização (Shoji, 2004)².

Os pensamentos dos imigrantes chineses em relação ao país de origem eram modificados de acordo com situação de cada época e região. Os primeiros imigrantes eram, na sua maioria, constituídos por homens solteiros, cujo objetivo, seguindo sua tradição, era trabalhar e procurar acumular riquezas e depois retornar à terra natal com muita glória. Tal mentalidade pode ser observada nas seguintes expressões idiomáticas:

- a) “Yi Jin Huan Xiang (衣锦还乡)”:
Retorno à terra natal com traje de seda, de muita riqueza e glória.
- b) “Guang Zong Yao Zu (光宗耀祖)”:
Honrar familiares e antepassados pelo retorno com muita riqueza.
- c) “Luo Ye Gui Gen (落叶归根)”:
Pessoas voltam à sua terra natal, como as folhas caem a pé do arbore.

A maioria dos imigrantes chineses pensava em retornar a China após conseguir alcançar um bom nível de vida. A partir da década de 1950, esse pensamento

original passou a incorporar a idéia de integração ao novo território:

“Luo Di Sheng Gen (落地生根)”:

As pessoas fixam-se no lugar como se fossem sementes que caem na terra, criam raízes e fixam-se nessa terra.

Esse pensamento foi motivado pelo estabelecimento do regime comunista na China e que deixou os imigrantes chineses com muito receio de retornar. No caso dos imigrantes chineses de Taiwan, na década de 1960 e 1970, o pensamento também mudou por medo da insegurança política criada pelo conflito entre a China nacionalista e a China comunista.

1. A língua dos imigrantes chineses do Brasil

Como citamos acima, até a década de 1950, os imigrantes chineses eram na sua maioria originários de *Guangdong* (Cantão), vindo em seguida, os de *Shanghai* e *Shandong* (Shyu, 1999). Por esse motivo, naquela época a língua usada entre os imigrantes era principalmente o dialeto cantonês (*yue*); e em seguida, o *wu* (“xangainês”) e a língua chinesa oficial ou língua comum (conhecido pelos ocidentais como “mandarim”). Na década de 60, vieram os imigrantes chineses da ilha de Taiwan trazendo os dialetos *minnan* (“taiwanês”) e o *kejia* (*hakka*). Nesta época, a língua da indonésia também começou a se expandir nos meios chineses. Na última década no século passado, chegaram ao Brasil muitos chineses da China continental e de Hong Kong, conseqüentemente, na comunidade chinesa, volta-se a falar muito o dialeto setentrional, o *wu* e o cantonês.

1.1. A língua dos imigrantes ocasionada pelo contato lingüístico

Podemos ver uma afirmação clara de F. Tarallo e T. Alkmin: “Serão os homens e suas culturas, suas línguas, sua sintaxe e sua fonologia afetados por fenômenos de contato, mistura, alquimia e mescla? É óbvio que sim!” (Tarallo & Alkmin, 1987: 9). Com a imigração na sociedade brasileira, obviamente os chineses aprendem a língua portuguesa, tornando seu uso mais freqüente no dia-a-dia. Além disso, na própria colônia eles entram em contato e chegam até a aprender também outros dialetos. Por estas razões, os diversos temas tratados pela lingüística como o bilingüismo, a diglosia, o *code-switching* e o *pidgin*, entre outros, aparecem nas linguagens utilizadas pelos imigrantes chineses³.

1.2. Bilingüismo

Apartir de uma perspectiva lingüística, as línguas seriam mutuamente ininteligíveis; mas não seria o caso dos dialetos, por eles serem uma raridade lingüística de uma certa língua. Entretanto, muitos lingüistas ocidentais consideram os dialetos chineses como línguas distintas, pois são variedades que são quase incompreensíveis entre si. Mas, por outro lado, baseando-se na característica estrutural do som, do léxico e da gramática dos dialetos, lingüistas chineses concluem firmemente que estas variedades são dialetos da língua *han* e não diferentes línguas. Além disso, podemos acrescentar que, apesar dos diferentes dialetos, para os chineses, sua escrita e cultura são comuns para todos, sem dizer que existem também diversos pontos compreensíveis entre os dialetos.

F. Tarallo e T. Alkmin distinguem entre o multidialetismo em multidialetismo ameno e multidialetismo forte (1987: 9). Entre os dialetos chineses, apenas o *wu*, o *min*, o *yue* e o *hakka* podem ser considerados como dialetos fortes, pois são quase ininteligíveis em relação aos outros dialetos. Porém o *xiang*, o *gan* e outros dialetos setentrionais são por outro lado completamente inteligíveis entre si. Poderíamos até arriscar uma comparação: a semelhança ou diferença entre alguns dialetos chineses são como o português com o francês, outros são como o português com o espanhol e, outros, com menos diferenças ainda, o português do Brasil e o de Portugal. Com isso, através da análise da língua chinesa, pode-se aceitar a afirmação de que o bilingüismo também engloba o multidialetismo.

1.3. O bilingüismo ou o multilingüismo dos imigrantes chineses

A partir do que foi dito acima, podemos estar certos de que os imigrantes chineses do Brasil são em geral bilíngües. Contudo, com a complexidade da língua chinesa, o seu bilingüismo torna-se também complexo; podemos diferenciar alguns grupos: a) chinês/português, b) chinês/inglês, c) português/inglês, d) chinês/japonês, e) multidialetismo, f) outros grupos bilíngües.

Com exceção dos imigrantes mais recentes e de mais idade, muitos podem comunicar-se em português e chinês (não considerando o nível de fluência). Os bilíngües chinês/inglês são, em geral, os imigrantes recentes, pois antes de aprenderem o português, aprenderam previamente o inglês. O grupo português/inglês relaciona-se principalmente aos descendentes dos imigrantes, enquanto que o grupo chinês/japonês é ligado aos imigrantes vindos de Taiwan com mais de sessenta anos de idade (devido à ocupação japonesa na ilha por cinquenta anos 1895-1945). O grupo do multidialetismo inclui, por sua vez, falantes da língua chinesa oficial (*putonghua*), comumente conhecido por ocidentais como o mandarim, e falantes de outros dialetos, pois, em geral, chineses que passaram por certa instrução, além de saber o próprio dialeto materno, conhecem também o mandarim. Além disso, há também muitas pessoas que sabem dois ou mais dialetos, por exemplo, um falante do dialeto *min* que resida num município ou povoado de falantes do dialeto *hakka*, naturalmente conhece os dois dialetos, e vice-versa; este tipo de falante é muito encontrado no Brasil, mas vale observar, ainda, que esses falantes, na sua maioria, sabem também o mandarim, portanto, podem ser considerados como multilíngües.

É comum para imigrantes de segunda geração em diante, pela influência do ambiente, aprenderem mais de duas línguas. Os mais comuns seriam aqueles que sabem o português, o inglês e o chinês, considerados por eles como línguas fundamentais. Em seguida, vêm aqueles que aprendem, além das fundamentais, o espanhol, o alemão, o francês, o japonês, ou até o russo, tornando-se competentes em três, quatro ou até cinco línguas. Nesses casos, qual seria portanto a língua dominante? Na comunidade chinesa, o bilingüismo poderia ser relacionado a uma idéia de intercomunidade. Por isso, a partir de uma perspectiva mais global, o chinês em comparação com o português, ocupa uma posição menos destacada. No entanto, baseando-se num ambiente mais restrito, ou seja, na comunidade chinesa, o chinês torna-se uma língua dominante. Para grupos ainda menores, como em comunidades de mesma

origem provincial ou entre amigos e parentes, a língua dominante fica sendo, em alguns casos, o dialeto em comum entre eles. Apesar disso tudo, para os jovens que já estudaram um certo tempo no Brasil, muitos consideram o português como língua dominante. Mas, afinal, como se pode considerar uma língua como a dominante? Esse fato pode ser determinado de acordo com o costume de cada um, com a situação em que se encontra, ou dependendo da pessoa que o está ouvindo (Lyons, 1987: 258).

Todavia existem também no Brasil alguns imigrantes chineses ou grupos deles que, baseando-se nas próprias aspirações, principalmente de caráter político, escolhem qual é a sua língua dominante. Um exemplo mais claro pode ser visto em algumas associações de pessoas de origem taiwanesa, em que prevalece o desejo de independência. Não se considerando como chineses, estes grupos usam portanto seu dialeto também em ambientes públicos.

Como diz John Lyons em sua obra: “o bilingüismo perfeito, se é que existe, é extremamente raro, (...). Entretanto, não é incomum as pessoas se aproximarem do bilingüismo perfeito” (Lyons, 1987: 258). É raro encontrar algum imigrante chinês que tenha total fluência escrita e falada em ambas as línguas, ou seja, no português e no chinês, especialmente no caso dos jovens, que, mesmo podendo falar fluentemente o chinês, têm ainda uma certa limitação tanto no vocabulário como na escrita. Por outro lado, os que já estudaram por um certo período na China, não conseguem ser tão fluentes numa nova língua, pelo menos em comparação com a sua língua materna. Por isso, até hoje, é difícil ainda encontrar no Brasil algum caso de “bilingüismo equilibrado” ou “bilingüismo precoce” (Heredia, 1989: 183-193), em se tratando de bilingüismo chinês/português.

2. O bilingüismo chinês/português será extinto?

Um interessante estudo de Fishman (in Tarallo & Alkmin, 1987: 67) mostra as etapas que o bilingüismo segue para o monolingüismo, neste caso, o inglês:

- “ Etapa 1: o inglês é aprendido através da língua nativa dos “estrangeiros”, com uso restrito a alguns domínios em que a língua nativa não pode ser utilizada.
- Etapa 2: os imigrantes começam a usar ou a língua nativa ou o inglês entre eles mesmos e em vários domínios. Inicia-se o processo de integração.
- Etapa 3: a língua nativa ou o inglês são usados na maioria dos domínios.
- Etapa 4: o inglês substitui a língua nativa em todos os domínios, exceção feita unicamente aos domínios mais locais e particulares, como, por exemplo, no convívio familiar dos estrangeiros.” (Tarallo & Alkmin, 1987: 67).

Apesar de alguns estudiosos discordarem de Fishman, achando que a língua francesa do Canadá será preservada através da proteção do governo, o chinês no Brasil não tem todo esse benefício, além de não ser preservado por nenhuma instituição educacional. Por isso, é mais provável que a língua chinesa siga as etapas sugeridas por Fishman (data): o chinês vai sendo progressivamente substituído pelo português, caminhando então para o monolingüismo. Christine de Heredia (1989: 177-218) ilustra esse mesmo caso, afirmando que, à medida que a criança cresce em um ambiente onde é falado uma outra língua, ocorre

uma inversão de dominância lingüística, ela vai lentamente substituindo sua língua materna pela língua que é falada no ambiente, fora do meio familiar.

Segundo uma pesquisa feita entre alunos do curso de chinês de uma escola chinesa de São Paulo, há um grande desequilíbrio no bilingüismo chinês/português. Vale ressaltar que a pesquisa foi feita em uma escola de chinês, portanto não se poderia imaginar como seria se a pesquisa fosse feita em um ambiente mais amplo, talvez a proporção do desequilíbrio seria muito maior. Se duas línguas de uma sociedade bilíngüe não forem bastante equilibradas, pode ocorrer que, com a progressiva fusão das duas comunidades lingüísticas, a comunidade com menor força de domínio perca sua língua naturalmente, entregando-se ao domínio da língua de uma outra comunidade (Yeh & Xu, 1993: 238).

No Brasil há poucos imigrantes chineses, pelo menos não o bastante para conseguirem um caráter independente e auto-suficiente, por isso seria mesmo impossível os chineses sentirem-se beneficiados e, menos ainda, distanciarem-se da cultura, da língua e dos costumes brasileiros; sob estas condições, a fusão torna-se inevitável.

No início da década de 1980, mais de 500 chineses refugiados em Moçambique vieram para o Brasil, estabelecendo-se em Curitiba. Nessa cidade, fundaram uma escola semelhante à que tinham em Moçambique, uma escola chinesa com cinco dias de aula, tendo como principal eixo a língua a chinesa. Não obstante, passado um semestre da inauguração, diminuíram o número das aulas de chinês para três vezes por semana, e depois de um ano, mudaram as aulas para os fins-de-semana. Finalmente, com a contínua desistência dos alunos, a escola acabou sendo fechada. Isso mostra que o ambiente brasileiro diferencia-se do de Moçambique. Os imigrantes chineses de Moçambique, e também na Indonésia, naquela época, não queriam, e tampouco precisavam integrar-se à sociedade local, pois eram auto-suficientes. Contudo no Brasil, eles se misturam naturalmente, assim como no Peru. Neste último, a imigração chinesa já possui mais de 150 anos de história, e já possui mais de um milhão de pessoas, entre eles, descendentes, naturalizados e cerca de 40 mil chineses. Porém, nos últimos 20 anos, a imigração chinesa naquele país não tem aumentado muito, e além disso, é grande o número de chineses que se casam com peruanos. Por isso, atualmente chineses acima de 40 anos de idade já consideram o espanhol como língua prioritária, e descendentes que falam o dialeto *yue* correspondem a apenas 4%. Conseqüentemente, o número de falantes de mandarim torna-se menor ainda.

Podemos facilmente perceber que os chineses de segunda geração aqui no Brasil consideram o português como sua língua prioritária, então poderíamos até ter a certeza de que a terceira geração usaria o português como língua fundamental em suas famílias; além disso, com o crescente número de casamentos mistos, o número de falantes do chinês (incluindo dialetos) vai decrescendo.

O estudo mostra que o afastamento da língua chinesa está diretamente relacionado ao processo de integração sócio-cultural dos imigrantes chineses. No Brasil, o uso da língua portuguesa é obrigatório, mas, neste momento de globalização econômica e cultura, ampliar a visão sobre o uso de outras línguas

pode ajudar no desenvolvimento das atividades profissionais. Por influência cultural da China, que é tradicionalmente bastante dinâmica e capaz de rápidas fusões, os imigrantes chineses também adotam uma postura mais pragmática. De acordo com a necessidade, podem mudar rapidamente sua tendência de aprendizagem de outras línguas.

A utilização de língua pelos imigrantes chineses também está se modificando rapidamente. Atualmente, a aprendizagem da língua chinesa, especialmente da língua chinesa oficial, é bastante incentivada além do estudo da língua portuguesa. No primeiro período de imigração chinesa no Brasil, até anos de 50, os imigrantes eram, na maioria, bilíngües. Os descendentes aprendiam na escola a língua portuguesa e tornavam-se fluentes. O uso da língua chinesa foi pouco incentivado, mas ainda um grande número de famílias se esforçam na aquisição da língua chinesa oficial, em pequenas escolas dominicais.

Em função do rápido desenvolvimento da China nos últimos anos, o uso da língua chinesa tornou-se uma ferramenta importante no intercâmbio e comércio internacional. As famílias dos imigrantes chineses começaram de novo a valorizar a aprendizagem de língua chinesa oficial, procurando capacitar-se para novas oportunidades. Assim, a existência de chineses e descendentes bilíngües se torna cada vez mais comum.

Notas

¹ < http://www.pucsp.br/rever/rv3_2004/p_shoji.pdf>

² < http://www.pucsp.br/rever/rv3_2004/p_shoji.pdf>

³ Diglossia: A palavra originou-se da latinização do termo em francês *diglossie*, do grego *diglossos*; foi usado em inglês primeiramente por Charles Ferguson, e considerado hoje como um tipo particular de bilingüismo. Uma comunidade é diglossica quando uma variedade alta (H) superpõe-se a uma ou mais variedades baixa (L). A variedade H é mais usada na língua escrita e em situações mais formais, enquanto que a L é mais usada em ambientes informais. Code-switching: Indica o fato de uma pessoa bilíngue ou alterna ou mistura duas línguas ou variedades numa mesma sentença ou num diálogo. Pidgin: Chama-se *pidgin* uma segunda língua nascida do contato do inglês com diversas línguas do Extremo Oriente (principalmente o chinês), a fim de possibilitar a intercompreensão de comunidades de línguas diferentes. O pidgin foi primeira vez usado em 1850 para indicar a mescla do chinês ? inglês, e é por definição, uma simplificação ou redução de estrutura ou léxico de uma língua, não tendo portanto nenhum falante nativo (*apud* Tarallo & Alkmin, 1987).

Referências bibliográficas

Heredia, C. 1989. "Do bilingüismo ao falar bilíngüe". In: Vermes, G. & Boutet, J. (orgs.). *Multilingüismo*. Trad. Celene M. Cruz (et alii). Campinas: Ed. Unicamp. Coleção Repertórios.

Li, H. (org.). 2002. Imigração Chinesa no Brasil - 190 anos: 1812 - 2002, São Paulo, Associação Cultural e de Amizade Brasil - China; Jornal Chinês Para a América do Sul.

Lyons, J. 1987. Linguagem e lingüística: uma introdução. trad. Marilda W. Averborg e Clarisse S. de Souza. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara Koogan S.A.

Shoji, R. Imigração Chinesa e Coreana. Disponível em: < http://www.pucsp.br/rever/rv3_2004/p_shoji.pdf >. Acesso em: 13/5/2009.

Shyu, D. J. 1991. *Breve histórico do ensino da língua chinesa no Brasil*. Boletim do Centro Social Chinês de São Paulo.

Shyu, D. J. jun.1995. *As falhas no ensino da língua chinesa no exterior e o modo de corrigi-las*. Boletim do Centro Social Chinês de São Paulo.

Tarallo F., Alkmin, T. 1987. *Falares crioulos: línguas em contato*. São Paulo: Ed. Ática. Série Fundamentos.

Teixeira, J. R. L. 1995. Imigração Chinesa para o Brasil - China em Estudo, FFLCH, no. 2. pp. 25-40.

Yeh, F. & Xu, T. 1993. *Teoria da lingüística*. Taipei, Shuling.